

# PORALENTEJO FORA

**RUY CÂMARA - EMMANUEL LOMBA**  
[www.airlomba.net](http://www.airlomba.net)

No seguimento do sucesso que alcançou o artigo publicado no Take-Off do mês de Julho, este mês publicamos um outro testemunho de voo, também pela mão do piloto Ruy Camara Cabral.

Corria o mês de Maio de 1964 quando o Ruy foi protagonista do que acredita ter sido o primeiro voo sem destino, levado a cabo em Portugal. O Ruy conta-nos como foi...

"Ao chegar a Santa Cruz, disse ao Sr. Grança: "O céu, para Sul, está minado de Cúmulos", ao que ele me respondeu: "Também vi, pá... Pega no Baby e vai Alentejo fora. Quando aterres, telefona".

Passados poucos minutos, estava no ar, a ser rebocado. Só então vi que nem um mapa levava comigo!!! À vista de Torres Vedras, soltei o cabo e, seja do que Deus quiser...

Seria necessário dominar o Adamastor do Ar, para passar para lá da margem esquerda do Tejo. Porém, com grande espanto e adrenalina, consegui fazê-lo com relativa facilidade. Em tempos, na instrução de planador, em Alverca, todos os dias, éramos avisados que não podíamos passar para lá do Tejo, porque se tivéssemos de amarar, seríamos logo "sugados", planador e piloto, por um dos gigantescos olheirões, ali existentes.

Havia várias estradas de núvens. Então, planeei sobrevoar a Ponta d'Erva, em direcção a Pancas; terrenos meus conhecidos da caça aos patos. Para isso deveria rumar a S-E, contrariando um pouco, a direcção do vento que soprava de Norte.

Rapidamente estava a sobrevoar a Herdade de Pancas, pertencente à família Palha, onde em tempos, passei vários camavais. O dono, o Sr. António Palha, juntava ali amigos e amigas das três filhas e quatros filhos em idade casadoira, aproveitando a rapaziada para ajudar a ferrar o gado. O dia era passado no tentadeiro e à noite, no bailarico até à hora limite da noitada; 11 horas, nem mais um minuto! Bem cedo, lá estávamos todos na Praça - os pseudo-toureiros na arena e as raparigas nas bancadas. Os bezerros eram apanhados o mais

rapidamente possível, aplicava-se-lhes o ferro em brasa e eram imediatamente largados para o campo (para não criar vícios). As bezerras podiam ser lidadas pelos pseudo-toureiros, nomeados no momento pelo dono da casa. Quando chegou a minha vez de ser nomeado, saltei para a arena cheio de gana, e escondi-me atrás do bordaleiro. A minha bezerra, sai do curro como um tiro, não conseguindo dar a volta, entra pelo bordaleiro onde eu estava, projecta-me pelo ar, num autêntico voo sem asas, e aterro de papo a uns cinco metros. Depois, levei tanta pancada que fiquei todo amachucado e quase em cuecas, perante palmas e gaudío da malta das bancadas. Nessa noite, não consegui dar dois pés de dança...

Vivendo este momentos, em tempos ali passados, esqueci completamente que estava no ar, a bordo de um avião sem motor... Ai! Ai! Estou com 200 metros de altura e teria de pensar em aterrar. Rapidamente, avistei vários terrenos, junto a canteiros de arroz e perto do monte. Seria um fiasco muito grande interromper o voo a 20 ou 30 quilómetros do ponto de largada. Passado um instante, já estava a 150 metros e pensei: "Antes aterrar aqui do que nalgum chaparró"...

Quando estava a iniciar a descida para o terreno escolhido, eis que surge à minha frente, uma coluna de poeira a desenvolver-se na vertical! Olho e que vejo? Por baixo da coluna de poeira, uma manada de vacas, a galope, tocadas por dois campinos. É claro que não hesitei e entrei desde logo na poeirada. Atitude que me valeu subir rapidamente dos 150 para os 1000 metros! De certeza que uma daquelas vacas, que naquele momento me estava a ajudar, foi, anos atrás, a bezerra que me deixou todo esfarrapado perante tão categorizada assistência feminina. Depois daquele fiasco, o meu sonho de me tomar toureiro ficou por ali...

Aos mil metros de altura, mais descansado e confiante, aproveitando algumas núvens, fui avançando para Sul. No entanto, cometi o grande erro de me deixar levar pelo vento e, num instante, já estava sobre Palmela, com Setúbal e mar à vista. Quando voltei para um rumo para o interior, já era tarde.

Apenas consegui penetrar uns quinze quilómetros e acabei por aterrar, num campo, junto

a canteiros de arroz e perto do monte. Próximo, estava um grupo de trabalhadores, homens e mulheres que tinham acabado o trabalho agrícola e que pararam a olhar desconfiados, sem perceberem que "fenómetro" era aquele...

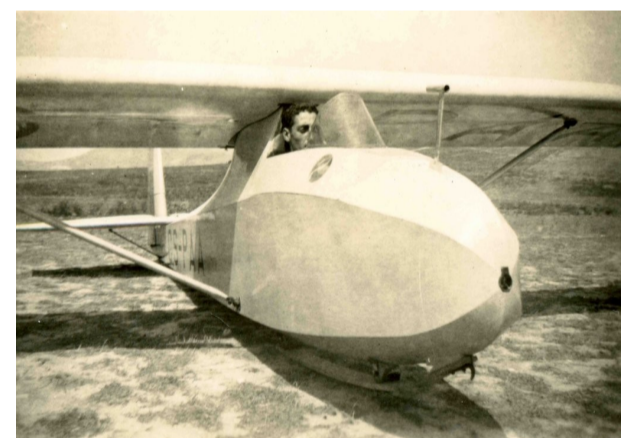
Quando saí do Baby, aquele grupo, em vez de se aproximar, recuou, mantendo-se unido e intrigado. Gritei-lhe que vinha em paz e aproximei-me. Um dos trabalhadores, em passo hesitante, veio ao meu encontro.

Com perguntas e respostas da praxe, vim a saber que estava em Marateca, na Herdade da Munhola, que por acaso, é de um proprietário, sócio de um dos meus tios, e conhecido como "O Isidro dos porcos".

Era Sábado, dia de pagamento, e os trabalhadores estavam no pátio a dançar ao som de uma concertina, esperando pela chamada. Entretanto fui ao Escritório onde estava um dos filhos, que, para meu grande espanto, não ligou nenhum ao caso! Passou-me o telefone e, de imediato, liguei para Santa Cruz, a indicar onde estava.

Depois do telefonema e enquanto esperava pelo resgate, juntei-me ao grupo de trabalhadores e trabalhadoras... Claro que dei, também, uns pesinhos de dança com raparigas que chegavam do trabalho, de cara tapada e meias sem pés, a cheirar a um suor azedo e intragável. Assim fui passando o tempo até que me viessem buscar.

Tinha percorrido cinquenta e cinco quilómetros em uma hora e quinze minutos."



Ruy Câmara a bordo de um Baby.

ANÚNCIO PUBLICITÁRIO